A EDUCAÇÃO INFANTIL, A SOCIALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS E CRIANÇAS

HELOÍZA MARTINS DE SOUSA

RESUMO
Esse artigo tem como objetivo abordar informações a respeito da educação infantil, a socialização e o desenvolvimento de bebês e crianças. Normalmente, os estudos da infância se concentram em três contextos espaciais: a escola, a cidade e a casa, exploradas como estruturas que são condicionadas para o controle e regulação do corpo e da mente da criança por meio de disciplina, aprendizagem, desenvolvimento, maturação, muitas vezes considerado como sites estruturados por professores, pais e grupos geracionais. A nova busca para estudar a criança como um participante ativo em seu status social, político e econômico como sujeito contemporâneo, influência novas ideias que abordam o conceito implicado na sua relação com outros agentes por meio de processos de socialização. A socialização infantil tem sido entendida como o processo pelo qual as crianças aprendem uma série de elementos, como crenças, comportamentos e sentimentos de acordo com o papel que desempenham em sua cultura, entendendo o papel como expectativa que se espera da criança de acordo com sua posição dentro do grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Desenvolvimento; Socialização.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil desempenha um papel fundamental na socialização e no desenvolvimento de bebês e crianças. Desde tenra idade, os pequenos são expostos a um ambiente educacional que vai muito além do simples aprendizado acadêmico. Na verdade, nessa fase inicial, a educação é um processo holístico que abrange não apenas conteúdos curriculares, mas também aspectos emocionais, sociais e cognitivos.

A interação com os outros é um dos pilares da socialização na infância. Nas creches e pré-escolas, as crianças têm a oportunidade de aprender a compartilhar, a colaborar e a se comunicar de forma eficaz. Essas experiências são cruciais para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais que serão essenciais ao longo de suas vidas.

Além disso, a educação infantil proporciona um ambiente seguro e estimulante para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Através de brincadeiras, jogos e atividades lúdicas, os pequenos exploram o mundo ao seu redor, desenvolvendo habilidades motoras, linguísticas e cognitivas. É nesse contexto que a curiosidade é estimulada, a criatividade é fomentada e o amor pela aprendizagem é cultivado.

Os educadores desempenham um papel fundamental nesse processo, atuando como mediadores do conhecimento e como guias no percurso de descoberta das crianças. São eles que criam um ambiente acolhedor e desafiador, que estimula o desenvolvimento integral dos pequenos, respeitando suas individualidades e necessidades específicas. Portanto, a Educação Infantil não se limita apenas à preparação para o ensino fundamental, mas é o alicerce sobre o qual se constrói o desenvolvimento infantil. É nesse período que as bases para uma vida escolar bem-sucedida, para relações interpessoais saudáveis e para um pensamento crítico e criativo são estabelecidas. Portanto, investir na qualidade da Educação Infantil é investir no futuro de nossas crianças e de nossa sociedade como um todo.

A SOCIALIZAÇÃO

As novas perspectivas de socialização, na qual a criança é vista como participante ativo, sem dúvida, referem-se às contribuições da Psicologia Russa, principalmente nas obras de Lev S. Vygotsky, e mais tarde alguns de seus discípulos, como A. N. Leontyev, retomam suas ideias para gerar a teoria da atividade que centra seu interesse na relação entre a consciência e o mundo material. Para esses autores, o problema surge de uma posição teórica no debate Marx e Engels sobre a ideologia e a crítica das teorias materialistas.

Essa crítica às teorias materialistas é encontrada por Duranti (2000), que afirma que a teoria da atividade da Vygotsky responde à

questão colocada por Marx: como elaborar uma teoria da mente humana que leva a sério o fato de que os sujeitos pensantes não apenas pensar, mas também mover, construir, tocar, sentir e, acima de tudo, interagir com outros seres humanos e objetos materiais por meio da atividade física e semiótica?
A resposta de Duranti, é reconciliar o que parecem ser processos ações cognitivas controladas individualmente por ações públicas por meio da interação, na qual os indivíduos participam juntos de atividades que eles são mais do que a mera soma de suas partes. Desta forma, a solução oferecida pela teoria da atividade é inverter a relação habitual entre o indivíduo e a sociedade, em vez de pensar do ponto de vista do indivíduo e considerar que a atividade e o grupo social são a soma dos processos e ações cognitivas individuais, propondo uma teoria do desenvolvimento, na qual as faculdades individuais surgem de processos interacional.
Essa discussão normalmente não ocorre na psicologia cognitiva norteamericana e muitos assumem que também está na teoria de Jean Piaget, um psicólogo construcionista. No entanto, Barbara Rogoff afirma que:

É justo dizer que tanto Piaget quanto Vygostky levaram em consideração os processos desenvolvimento social e natural, apontando que, por um lado, Piaget se concentrou, acima de tudo, no indivíduo que ocasionalmente interage com outras pessoas quando o indivíduo resolve problemas lógicos de origem social, por outro lado, Vygotsky deu atenção especial à participação da criança, juntamente com outras pessoas, na ordem social. (ROGOFF 1993, p. 64)

De certa forma, Piaget considerou que a aprendizagem das crianças era mais eficaz entre iguais, ou seja, com outras crianças de igual competência e não com adultos por causa do tipo de relações assimétricas que eles mediram entre eles.
Rogoff tenta conciliar as teorias desses dois autores, apontando os interesses de cada um deles, no qual enfatizam: um na ideia do desenvolvimento natural e evolutivo e o outro no contexto das relações sociais da criança em seu desenvolvimento, escolhendo um sobre o outro para promover suas próprias teorias. A ideia, para Rogoff, é resgatar as duas abordagens como suportes inseparáveis do desenvolvimento individual.
No entanto, as ideias de Vygostky, e as de Piaget, são retomadas nas teorias antropológicas recentes que tomam a cultura como prática e não apenas como modelos de pensamento. Principalmente as teorias da atividade e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) são centrais para o estudo da socialização, oferecendo uma forma de analisar as relações do indivíduo com o mundo.
No caso da teoria da atividade, Vygotsky (1988) propõe que o sujeito humano age sobre a realidade adaptando-se a ela, transformando-o e transformando-se por meio de alguns instrumentos psicológicos que ele chama de "mediadores". Esse fenômeno, denominado mediação instrumental, é realizado por meio de "ferramentas" – mediadores simples, como recursos materiais – e "sinais" -mediadores mais sofisticados, sendo a língua o principal sinal-. Também estabelece que a atividade é um conjunto de ações culturalmente determinadas e que são realizadas em cooperação com outras pessoas e a atividade do sujeito em desenvolvimento.
A atividade proposta por Vygotsky é culturalmente determinada e contextualizada. Nesse sentido, o próprio ambiente humano constitui os mediadores que são utilizados na relação com os objetos, tanto ferramentas quanto sinais, mas especialmente o segundo, uma vez que o mundo social é essencialmente um mundo feito de processos simbólicos, dentre os quais se destaca a linguagem falada.

A LINGUAGEM

A linguagem, para Vygotsky, é a ferramenta que possibilita tomar consciência do exercício do controle voluntário de nossas ações. Portanto não se imita simplesmente o comportamento dos outros, não se reage simplesmente ao comportamento dos outros, mas com a linguagem tem-se a possibilidade de afirmar ou negar, o que indica que o indivíduo está ciente do que ele é e que age com vontade. Nesse momento, os indivíduos tornam-se distintos e diferentes do objeto e outros, de modo que "os sistemas de signos produzidos na cultura em que as crianças

vivem não são meros "facilitadores" da atividade mas são seus formadores" (CASTORINA 1996, p. 14).

Barbara Rogoff (1993), estudiosa de aprendizagem infantil, é uma autora que estende as ideais de Vygostky, enfatizando não apenas a importância do contexto cultural para a aprendizagem das crianças, mas também na diversidade, argumentando que o que varia são as formas do contexto cultural que oferece diferentes tipos de relações, espaços e momentos no desenvolvimento das crianças. A autora explora e desenvolve o conceito de ZDP, "segundo o qual o desenvolvimento infantil evolui através da participação da criança em atividades ligeiramente distantes de sua competência, na "zona de desenvolvimento proximal", com a ajuda de adultos ou crianças mais capazes". (VYGOTSKY, APUD ROGOFF 1993, p. 38)

De Haan (1999) defende a ideia de que cada prática cultural, em princípio, cria suas próprias formas de aprendizagem e que essas formas de aprendizagem produzem a indicação da prática cultural de que fazem parte disso. Em outras palavras, aprendizagem e cultura são vistas como dois aspectos indissociável do próprio processo dinâmico de desenvolvimento, onde "as diferenças mais importantes no desenvolvimento entre as culturas relacionadas com a variedade de competências e valores que definem o objetivo cultural da maturidade". (ROGOFF 1993, p.154)

De Hann coloca a ênfase na conceituação das diferenças culturais em práticas de aprendizagem. Para tanto, realiza uma revisão de autores que, continuando as contribuições de Vygotsky, eles avançam nessa direção, especialmente a partir do conceito ZPD. Por exemplo, J. V. Wertsh elabora a definição do situação e objetivos estruturais da participação das crianças em relação à adultos, M. Cole se concentra na liderança de atividades, B. Rogoff alarga o conceito de ZPD sobre os arranjos implícitos e explícitos na sua conceito de participação guiada, J. Valsiner também amplia o conceito de Vygotsky, mas a partir da construção, estimulação da estrutura, isto é, ele assume situações de conflito e estímulo à aprendizagem em suas estruturas. Engström, por outro lado, concentra-se nas formas de ensino, que desenvolvem formas de atividade historicamente novas, finalmente Leve e Wenger prestam atenção na aprendizagem situada (De Hann 1999, p. 12-15).

Seguindo as contribuições dos autores supracitados, De Haan propõe um conceito que denomina: "criação de situações de aprendizagem ou significados que provoquem aprendizagem, na qual ele tenta estabelecer as relações entre aprendizagem e cultura, onde as diferenças culturais são reconhecidas, levando em consideração tendo em conta as múltiplas atividades de aprendizagem e uma visão em que a aprendizagem ocupa o espaço como função em todos os tipos de atividades cultural.

Para De Hann, essas noções podem direcionar a análise para uma visão da aprendizagem que vincula efetivamente determinados contextos institucionais com determinados formatos pedagógicos utilizados acima de outros, e possibilitar a considerar a aprendizagem baseada na prática a partir de outras normas culturais e modos de aprendizagem.

A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA, PARTICIPAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

A educação da primeira infância, especialmente aquela oferecida em creches às crianças de 0 a 3 anos vem passando por muitas mudanças no Brasil. Até a década de 90, estas instituições tinham caráter predominantemente assistencialista, contando com profissionais que não tinham formação específica para atuar de acordo com a formação integral da criança. Isto significa que, à priori, tais profissionais atuavam no sentido de cuidar, de maneira que a formação social e cognitiva da criança (ou intelectual) não era contemplada.

Tais profissionais eram, em sua maioria, mulheres, com formação em nível fundamental sendo consideradas, portanto, leigas. Eram as pajens, que realizavam um trabalho que “substituía” os cuidados maternos.

A partir da década de 90, este panorama passou por mudanças, uma vez que a educação desta faixa etária passou a ser considerada como etapa da educação básica, prevista na Lei 9394/96, exigindo uma formação específica para estes profissionais. De acordo com o artigo 62 da referida lei:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

É fundamental considerar, porém, que o professor é um profissional que precisa estar em constante reflexão com seu grupo, de maneira que as ações pedagógicas sejam efetivamente articuladas. Para que isso ocorra, a formação inicial parece não ser suficiente visto que, ao longo de sua trajetória, os educadores da primeira infância terão desafios diferentes, se observarmos que eles receberão grupos diferentes a cada ano.
Diante do exposto, fica evidente a importância da formação continuada, sobretudo, pelo fato de que tais instituições de ensino passaram por mudanças significativas em quase duas décadas.
É de fundamental importância explicitar que a exigência de formação inicial mínima para os educadores de primeira infância é um aspecto extremamente relevante, e pode sim, ter contribuído para a melhoria na qualidade da educação nas creches. Entretanto, o fazer do professor é dinâmico, mutante, a cada momento os desafios renovam-se, fazendo com que os espaços coletivos de formação devam ter cada vez mais espaço.
Neste sentido, a formação docente continuada adquire um espaço fundamental para a garantia da qualidade na educação infantil. Até a transição das creches para a educação básica, as profissionais contavam com alguns cursos oferecidos pela rede de ensino, porém, voltados para o desenvolvimento infantil do ponto de vista dos cuidados.
As EMEI's contam com horários coletivos de planejamento semanal das atividades a serem desenvolvidas. No caso dos CEIs, houve algumas mudanças neste sentido, como a presença de profissionais responsáveis pela coordenação pedagógica (que até então não havia) e pela condução da prática docente e da formação continuada. Isso é fundamental, pois as educadoras precisavam de princípios norteadores que lhes permitisse mudar práticas utilizadas por muito tempo. De acordo com Kramer:

Uma proposta de educação infantil em que as crianças desenvolvam, construam/adquiram conhecimentos e se tornem autônomas e cooperativas implica pensar a formação permanente dos profissionais que nela atuam. Como os professores/educadores favorecerão a construção de conhecimentos se não forem desafiados a construírem os seus? Como podem os professores/educadores se tornar construtores de conhecimentos quando são reduzidos a executores de propostas e projetos de cuja elaboração não participaram e que são chamados apenas a implantar? Qual o requisito para tornar uma proposta um fato presente? Além das condições materiais concretas que assegurem processos de mudança, é preciso que os profissionais de educação infantil tenham acesso ao conhecimento produzido na área da educação infantil e da cultura em geral, para repensarem sua prática, se reconstruírem enquanto cidadãos e atuarem enquanto sujeitos da produção de conhecimento. E para que possam, mais do que "implantar" currículos ou "aplicar" propostas à realidade da creche/pré-escola em que atuam, efetivamente participar da sua concepção, construção e consolidação. (KRAMER apud MEC/SEF/COEDI, 1996 p.19).

Concorda-se com a autora em relação ao fato de que não basta apresentar uma proposta pedagógica que as educadoras precisem "engolir" e aplicar sem que, efetivamente, compreendam e acreditem no que estão fazendo. Por este motivo, é que elas, também, precisam vivenciar a construção de sua própria identidade profissional, através da reflexão sobre o coletivo e sobre suas próprias ações.
Outro ponto a ser destacado é que, em face de natureza das transformações ocorridas nestas instituições de ensino, as educadoras precisaram se adequar a uma nova realidade.
Isso pode ter gerado um sentimento de insegurança a estas profissionais, bem como a necessidade de novos olhares sobre sua prática. É natural do ser humano temer e até mesmo repelir o que ele não conhece ou

não tem familiaridade. Com as educadoras, isso pode ter ocorrido, até mesmo pelo fato de que estavam acostumadas a uma rotina mecânica, e tiveram que incorporar novas práticas, que lhe exigiram esforços tanto do ponto de vista intelectual quanto acadêmico e/ou profissional.

A rotina de uma instituição de ensino é mutante, pois passa por situações diferentes a todo o momento. As crianças avançam de acordo com os estímulos dos educadores, e de acordo com a convivência com seus pares.

Não se trata de uma educação que privilegia o espontaneísmo, mas a composição de uma ação planejada e discutida amplamente.

O professor tem o papel de mediador cultural, isto é, ele está entre a criança e a cultura, com todos os conhecimentos, valores e procedimentos dos quais as novas gerações necessitam e desejam se apropriar para viver em nossa sociedade, necessita conhecer tanto o sujeito quanto o objeto de sua ação, isto é, a criança com a qual trabalha, os aspectos da cultura na qual pretende inseri-la e as características específicas do conhecimento que pretende ajudar a criança a construir, no caso, a linguagem escrita em toda a sua complexidade.

Sabemos que a familiaridade com um conhecimento só se adquire com seu uso constante. Assim, para o(a) professor(a) formar leitores e produtores de texto, é necessário que a escrita e a leitura sejam parte integrante de sua vida e, sobretudo, que este tenha uma relação afetiva com essas atividades, realizando-as com prazer.

Dickel (1998) analisa que os professores "produzem em suas práticas, uma riqueza de conhecimento que precisa ser, juntamente com as suas experiências, assumida como ponto de partida de qualquer processo de aperfeiçoamento de seu trabalho e de mudança na escola" (p.41)

Segundo Tardif, "parece banal, mas um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros." (TARDIF, 2005, p. 31). Para esse autor, o saber do professor vem de diversos contextos sociais como, por exemplo, os grupos familiares, diversas instituições e grupos diversos. Entretanto, a relação do professor com os saberes não se reduz apenas a uma função de transmissão de conteúdos e conhecimentos já constituídos.

Para Tardif (2005), o saber docente por ser definido como saber plural, em sua prática emprega-se, no entanto, vários saberes como os saberes de formação profissional, (das ciências da educação e da ideologia pedagógica), saberes disciplinares, saberes curriculares e os saberes experienciais.

Os saberes de formação profissional são aqueles que o professor adquire através do conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores, nesse sentido, esses conhecimentos se transformam em saberes de formação científica ou erudita, que incorporada a prática docente, poderá se transformar em prática científica ou em tecnologia da aprendizagem. Isso acontece através da formação inicial ou contínua dos professores, pois é no "decorrer de sua formação que os professores entram em contato com as ciências da educação". (TARDIF, 2005, p. 37).

O autor aborda ainda sobre os saberes pedagógicos que são provenientes das reflexões sobre a prática educativa, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas coerentes de representação e de orientação da atividade educativa.

Dentro das reflexões sobre a docência na alfabetização e o modo ou método abordado um recurso hoje muito utilizado é o lúdico na sala de aula, com brincadeiras e jogos que introduzem o aluno no mundo acadêmico fazendo com que a criança seja participante da construção do seu processo de aprendizagem. Agora estudaremos alguns desses conceitos.

Os professores desempenham papéis vitais na vida dos alunos em suas salas de aula. Os professores são mais conhecidos pelo papel de educar os alunos que são colocados sob seus cuidados. Além disso, os professores desempenham muitos outros papéis na sala de aula. Os professores definem o tom de suas salas de aula, constroem um ambiente acolhedor, orientam e educam os alunos, tornam-se modelos e ouvem e procuram sinais de problemas.

Outro papel desempenhado pelos professo-

res é o papel protetor. Os professores são ensinados a procurar sinais de problemas nos alunos. Quando os comportamentos dos alunos mudam ou os sinais físicos de abuso são notados, os professores são obrigados a examinar o problema. Os professores devem seguir os procedimentos da faculdade quando se trata de acompanhar todos os sinais de problemas.

Ser professor é muito mais do que apenas executar planos de aula. No mundo de hoje, o ensino é uma profissão multifacetada; os professores geralmente desempenham os papéis de pais substitutos, disciplinador de classe, mentor, conselheiro, contador, modelo, planejador e muitas outras funções relacionadas.

Obviamente, o papel do professor como semi parental depende em grande parte da idade e do grau das crianças que eles ensinam. A professora de jardim de infância desenvolve em seus filhos habilidades básicas necessárias para se destacar e progredir até o próximo ano, enquanto uma professora das séries intermediárias ensina informações específicas sobre um determinado assunto.

Os papéis dos professores hoje são consideravelmente diferentes do que costumavam ser. Os professores receberam um currículo específico para ensinar e um conjunto de instruções sobre como ensiná-lo, usando os mesmos métodos para todos os alunos. No mundo de hoje, o papel de um professor é bastante multifacetado. O trabalho deles é aconselhar os alunos, ajudá-los a aprender a usar seu conhecimento e integrá-lo em suas vidas para que se tornem membros valiosos da sociedade. Os professores são incentivados a adaptar os métodos de aprendizado ao aprendizado de cada aluno, para desafiá-los e inspirá-los a aprender.

A moderna profissão de professor também se ocupa de assumir papéis mais amplos para promover a educação.

Um dos aspectos mais difíceis de se tornar professor é aprender a motivar seus alunos. É também um dos mais importantes. Os alunos que não estão motivados não aprenderão efetivamente. Eles não retêm informações, não participam e alguns deles podem até se tornar perturbadores. Um aluno pode ser desmotivado por vários motivos: eles podem sentir que não têm interesse no assunto, achar os métodos do professor pouco atraentes ou se distrair com forças externas. Pode até vir à luz que um aluno que parecia desmotivado realmente tem dificuldade em aprender e precisa de atenção especial.

Provavelmente isso deveria ter sido mais adiante na lista, mas a complementa bem como uma habilidade inerente a alguns educadores, mas que também é ensinada em programas de preparação de professores. É também uma habilidade que não pode ser supervalorizada em uma sociedade em que muitas pessoas não veem o valor da educação e não estão interessadas em se envolver.

Olhando para trás nesta lista, está claro para mim que a preparação dos professores para a sala de aula deve ser exatamente isso - formação de professores ou ensinar as pessoas a serem professores. A Internet e nossa sociedade em rápida evolução tornam a maioria dos assuntos que poderiam ser aprendidos como importantes, desatualizados quando o novo professor conseguiria aplicá-la de qualquer maneira. É melhor ensinar aos professores como ensinar e aprender por eles mesmos do que ensinar a eles uma quantidade finita de informações que estão rapidamente desatualizadas.

Segundo Delors (2003):

A qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores, do que pela sua formação inicial... A formação contínua não deve desenrolar-se, necessariamente, apenas no quadro do sistema educativo: um período de trabalho ou de estudo no setor econômico pode também ser proveitoso para aproximação do saber e do saber-fazer (DELORS, 2003, p. 160)

Freire, (1996, p. 43) destaca que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Nossos professores precisam ser pensadores e aprendizes de ponta, designers instrucionais, defensores de crianças, ativistas, políticos e palestrantes motivacionais. Muitos têm essas qualidades naturalmente, mas os

programas de formação de professores podem, ou devem ter como objetivo cultivá-las na próxima geração de educadores.
De acordo com Pereira (2011, p. 69):

A docência, portanto, é uma atividade complexa porque a realidade na qual o professor atua é dinâmica, conflituosa, imprevisível e apresenta problemas singulares que, portanto exigem soluções particulares. Exige mobilizações de saberes para o cumprimento do objetivo de educar que é: o desenvolvimento das diferentes capacidades – cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal – dos educandos, que se efetiva pela construção de conhecimentos.

Cabe ao professor trabalhar para alcançar essa aprendizagem, pois a arte ajuda no desenvolvimento emocional, intelectual, físico, social, estético/criador.
Embora motivar os alunos possa ser uma tarefa difícil, as recompensas valem a pena. Os alunos motivados estão mais animados para aprender e participar. Simplificando: Dar uma aula cheia de alunos motivados é agradável para professores e alunos. Alguns alunos são auto motivados, com um amor natural pelo aprendizado. Mas mesmo com os alunos que não têm esse impulso natural, um ótimo professor pode tornar o aprendizado divertido e inspirá-los a alcançar todo o seu potencial.
Uma Universidade que se preocupa em fornecer ao aluno um ambiente saudável, agindo de acordo com os princípios morais que o cercam se torna um instrumento de ensino e disseminação de cultura e conhecimento, construindo indivíduos em sua totalidade, consciente de sua liberdade, integrados com questões que o cercam e preocupado com sua responsabilidade social.
Segundo Vasconcelos (2012):

O filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) defendeu fortemente os ideais de liberdade e democracia no ensino. De forte tendência pragmática e liberal, seus escritos defenderam uma escola essencialmente empírica, do aprender fazendo, da experimentação. Para ele o foco do ensino é o aluno e suas necessidades, é o compartilhar de experiências e a escola precisa criar espaços que estimulem a criatividade, o lazer e as descobertas. Seu pensamento foi âncora para o construtivismo e o escolanovismo, uma vez que para Dewey educação é a reconstrução da experiência. Influenciou o pensamento de seu aluno de pósgraduação Anísio Teixeira, impulsionando-o a divulgar sua obra no Brasil, marcando fortemente as bases do movimento da Escola Nova, (VASCONCELOS, 2012, p. 157)

Os alunos buscam aprovação dos professores e reforço positivo e têm maior probabilidade de ficar entusiasmados com o aprendizado se sentirem que seu trabalho é reconhecido e valorizado. Você deve incentivar a comunicação aberta e o pensamento livre com seus alunos para que eles se sintam importantes. Seja entusiasta. Elogie seus alunos com frequência. Reconheça-os por suas contribuições. Se a sua sala de aula for um lugar amigável, onde os alunos se sintam ouvidos e respeitados, eles estarão mais ansiosos para aprender. Um "bom trabalho" ou "bom trabalho" pode percorrer um longo caminho.
Professores com ensino de alta qualidade tendem a fazer e descobrir mais sobre seu próprio ofício, extrapolando os limites de seu aprendizado e ensino, procurando os novos tópicos e maneiras de ensinar. No entanto, para atingir seu potencial máximo, o desenvolvimento profissional contínuo deve ser implementado em seus cronogramas.
Os professores receberam treinamento adequado sobre informações atualizadas e novas pesquisas sobre gerenciamento de sala de aula, sobre ferramentas tecnológicas emergentes para a sala de aula, novos recursos curriculares e muito mais, podem se tornar um fator de sucesso para suas escolas. O melhor desenvolvimento profissional é contínuo, colaborativo, conectado e derivado do trabalho com os alunos e da compreensão de sua cultura.
O desenvolvimento profissional é importante porque a educação é um campo em constante crescimento e em constante mudança. Isso significa que os professores devem ser aprendentes ao longo da vida para ensinar cada novo grupo de alunos.
O desenvolvimento profissional não apenas

permite que os professores aprendam novos estilos, técnicas e dicas de ensino, mas também interage com educadores de outras áreas, a fim de melhorar seu próprio ensino. Embora alguns workshops curtos sejam eficazes na introdução de novos tópicos, os workshops mais eficazes são ministrados ao longo do tempo e envolvem atividades práticas e interação. Isso também permite que mais perguntas e discussões ocorram ao longo das apresentações. O desenvolvimento profissional contínuo é fundamental para os professores que desejam ser ótimos em seus trabalhos e oferecer o melhor aos seus alunos todos os dias.

A ligação entre aprendizagem e cultura proposta por De Hann é complementada pelas contribuições oferecidas por Barbara Rogoff em seu conceito de participação guiado, para que se possa reconhecer as diferentes maneiras pelas quais as crianças participam, em interação com os outros, de sua socialização. Rogoff retoma o conceito ZPD de Vygotsky, onde o desenvolvimento da criança é visto como uma atividade social que vai além de sua competência, com a ajuda de adultos. O conceito é responsável por uma dinâmica de sensibilidade para aprender experiências em que o desenvolvimento das crianças é guiado pela interação social. Esta região é onde cultura e aprendizagem se encontram (COLE 1981, EM ROGOFF 1991, p. 254). Nesta área sensível, as variações sociais são assumidas na produção de adaptações dos indivíduos em seu próprio ambiente cultural.

Rogoff estende o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal quando enfatiza interação dos papéis de crianças e adultos, em um processo de participação guiada. A tese que ele implanta é que o rápido desenvolvimento das crianças em direção a sociedade é realizado com uma bela combinação de habilidades das crianças e a orientação de adultos. ROGOFF (1991) retoma as contribuições de Vygotsky enfatizando o papel da criança como um participante ativo em sua própria socialização. Em outras palavras, as crianças não apenas recebem a orientação de adultos, ao contrário, buscam, estruturam e exigem a assistência do que os rodeia para aprender a resolver problemas de todos os tipos. Reforça a complementaridade dos papéis das crianças e dos adultos para promover o desenvolvimento das crianças.

É interessante como essas generalizações sobre a participação guiada são apresentadas para qualquer processo de socialização, na qual a articulação de papéis na socialização pode ser universal, embora os objetivos e significados utilizados em sua implementação varia em cada cultura. As variantes estão em como a interação de adultos e crianças podem ser instrumentados na socialização.

A ideia de participação no estudo do comportamento humano, de acordo com Alessandro Duranti, da Antropologia Linguística, "significa comprometer-se com uma investigação detalhada e sistemática dos recursos semióticos e materiais na constituição de atividades normalmente conjuntas e com múltiplos participantes" (DURANTI 2000, p. 438).

Essas contribuições visam apontar a importância de carregar os formulários em que as crianças aprendem no espaço da casa para a escola, com o objetivo de dar continuidade ao processo de socialização infantil. O que traz novas ideias para a formulação da educação intercultural nas sociedades constituída por uma diversidade cultural, uma vez que a interculturalidade não só relacionados com a inclusão de conteúdos relacionados com as culturas, mas também com a com as maneiras pelas quais se aprende e age na cultura.

Dessa forma, a abordagem das práticas cotidianas das crianças que aprendem em sua cultura, oferece novas alternativas na definição de objetivos para a educação intercultural que possam vincular conhecimento do lar com o da escola, em termos de desenvolvimento local, que promova a participação política em nível nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância da Educação Infantil como catalisadora da socialização e do desenvolvimento de bebês e crianças, torna-se evidente que investir nessa fase inicial da vida é essencial para o florescimento pleno e harmonioso das futuras gerações.

As considerações finais ressaltam a relevância de um ambiente educacional que vá além do ensino tradicional, promovendo a integração social, o desenvolvimento emocional

e cognitivo, e o estímulo à curiosidade e à criatividade. Os educadores desempenham um papel crucial nesse processo, moldando não apenas mentes, mas também corações e espíritos, preparando os pequenos para enfrentar os desafios do mundo de forma confiante e resiliente.

Dessa forma, reconhecer a Educação Infantil como um investimento fundamental na formação de cidadãos conscientes, críticos e solidários é o primeiro passo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Através desse olhar atento e cuidadoso sobre a infância, podemos semear as sementes de um futuro promissor, baseado no respeito, na empatia e no amor pelo aprendizado contínuo.

REFERÊNCIAS

DE HAAN, MARIËTTE. Aprendizagem como prática cultural. Como Crianças aprendem em uma comunidade Mazahua, Holanda Escola para Pesquisa de Política Social e Econômica, Amsterdã. 1999.

DELORS, Jackues. Educação: um tesouro a descobrir. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DURANTI, ALESSANDRO. Antropologia Linguística, Cambridge University Press, Madrid. 2000.

HANSEN, J.H. (Orgs.) Identidade docente: uma construção entre saberes e práticas.

KRAMER, Sonia. Currículo de Educação Infantil e a Formação dos Profissionais de Creche e Pré-escola: questões teóricas e polêmicas. In: MEC/SEF/COEDI. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. Brasília-DF. 1994.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e aprendizagem da profissão docente. Brasília: Líder Livro, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos sobre educação e ensino. São Paulo: Morais, 1992.

ROGOFF, BARBARA. A Socialização Conjunta do Desenvolvimento por Crianças e Adultos Pequenos", em Influências Sociais e Socialização em Infância, editado por Lewis, Michel e SaulFeinman, Plenum Press, Nova York, Londres. 1991.

ROGOFF, BARBARA. Aprendices del pensamiento. O desenvolvimento cognitivo no contexto social, Paidós, Barcelona. 1993.

VYGOTSKY, LEV S. Pensamento e Linguagem, Ediciones Quinto Sol, México. 1988.